

O valor do imponderável



Para além do ensino, enobrecer o espírito, afinal, é o que mais importa

Há determinados temas cuja importância nos obriga a mencionar com frequência. Por exemplo, a conveniência da adoção da visão holística dos problemas, que, com ela, passam a ser apreendidos na sua inserção no contexto a que pertencem. Assim, como resultado de uma posição, em nosso entendimento, distorcida da realidade, cada vez mais se desconsideram os dados que, por sua natureza, não sejam suscetíveis de percepção sensorial e de mensuração. A referida distorção resulta da hipótese, conseqüente ao nominalismo, de que apenas as coisas que compõem o universo material são dotadas de existência real, todo o resto não passando de algo cuja presença se circunscreve ao mundo mental e ao universo vocabular que serve à sua designação.

Para citar um exemplo, veja-se o que vem acontecendo com o problema da educação. Os políticos, sobretudo quando candidatos a postos executivos, realçam a importância do assunto para, logo

em seguida, tratar de aspectos materiais a ele relacionados. Assim, referem-se às novas instalações escolares que construíram, ou pretendem construir, e às verbas a serem investidas nas referidas construções. Uma pessoa um pouco menos "prática" e "objetiva", porém, de imediato percebe que não estão falando propriamente de educação, mas, quando muito, de ensino, que não é sinônimo dela. Não se dá conta de que, mesmo com relação ao ensino, ele dependerá sempre muito mais da qualidade de quem o ministra do que das instalações físicas em que se realiza. Repare o leitor, porém, como pouco ou nada se faz ou nem sequer se menciona ou anuncia, com respeito ao treinamento adequado do pessoal docente. Este, ao contrário, recebe um tratamento padrasto, tanto do ponto de vista do salário material — único tido como remuneração pelo famoso "espírito prático" a que já nos referimos — como do ponto de vista do que se poderia designar como "salário moral", representado pela estima da sociedade pelos mes-

tres, quase sempre aviltada pela caricatura que deles costuma fazer uma mídia e um humorismo irresponsáveis ou levianos. E tudo isso apenas com relação ao ensino. Porque educação é coisa muito maior e muito mais nobre, além de ainda menos dependente das instalações físicas a que se dá tanto ou tão exclusivo realce. Com respeito à educação, salta aos olhos o papel essencial da família e a importância irrecusável de uma ambiência cultural adequada e construtiva.

Quando o grupo familiar é solapado pela retirada da mulher do lar para, aumentada a oferta de trabalho, reduzir os custos de produção relativos aos recursos humanos; e quando a permissividade crescente dos costumes e o convívio constante entre homens e mulheres multiplicam os desajustes conjugais e os adultérios, salta aos olhos que a família, núcleo educativo fundamental, perde ou tem diminuída a eficácia do seu desempenho, comprometendo assim, fundamente, o processo educativo. Tratar, entretanto, desse assunto, sobretudo pelas implicações com a questão dos limites do exercício da liberdade, e pela confusão entre esta e licenciosidade, é muito mais delicado e mais difícil do que desconversar, levando as atenções para o terreno da construção de

novas escolas, de resto cada vez mais confundidas com restaurantes e ambulatórios, exatamente porque o desprezo e os equívocos, acerca das questões de fundo, contribuindo para o aumento da miséria, impõem as saídas assistenciais, úteis como paliativos, em sociedade cujos males, entretanto, por sua gravidade, não serão curados por eles.

Vê-se, assim, como é impossível, tratar, a sério, do problema da educação, fora de um esforço por abranger a maior porção possível do contexto em que ela está inserida. O papel dos mestres é assemelhável ao desempenhado por atletas que participam de uma corrida de revezamento. O processo histórico, no símile que estamos adotando, seria o revezamento no qual os professores têm a tarefa de passar o bastão de uma geração às que se lhe seguem, sobretudo ao que tange ao ensino. Mas, também, na educação, exercitam o papel análogo, de vez que a visão dos homens se pode enriquecer, à medida que o tempo passa, ensinando, não apenas a aquisição de informações concretas, mas o enobrecimento do espírito, o que é, afinal, o que mais importa.

■ Jorge Boaventura, professor universitário, jornalista e escritor, é conselheiro do Comando da Escola Superior de Guerra.